

Crónica de uma descoberta inusitada



No norte de Portugal mergulha-se. As condições não são as melhores, e à crónica má visibilidade e água de tom verde, junta-se a água fria e as frequentes más condições de mar e estado do tempo. Mas mergulha-se. E temos os nossos ex-libris, entre baixos e naufrágios, dos quais são sempre de destacar o submarino U1277 e o Navio do Norte.

O Submarino U1277 tem uma história bem conhecida, contada em inúmeros formatos pelo Luís Mota, que é, seguramente, o mergulhador que mais investigou este naufrágio e que tem um profundo conhecimento do mesmo, aportado por algumas centenas de mergulhos no mesmo. Apesar do submarino ter sido afundado voluntariamente, e lhe faltar o carácter trágico dos naufrágios, tem o seu mistério e causa o esperado espanto que é mergulhar numa máquina assassina de guerra, construída pela Alemanha de Hitler. No submarino, mergulha-se sempre que as condições de mar e tempo o permitem e atura-se até alguma má visibilidade, dado o carácter quase magnético deste destroço

razoavelmente preservado, que atrai irremediavelmente mergulhadores desde que foi redescoberto no fundo em 1972, após ter sido afundado em 1945.

O Navio do Norte é um mergulho ainda mais misterioso. Ainda não é segura a identidade do navio e a data do seu afundamento. A hipótese que tem sido mais defendida pelo Luis Mota é que se trate do Tiber, afundado em 21 de fevereiro de 1847. O Tiber era um navio inglês que navegava entre Gibraltar e Southampton e naufragou ao largo de Vila Chã no meio de uma tempestade ou devido a intenso nevoeiro. Os destroços visíveis no local aparentam ser de um navio de madeira (já quase totalmente desaparecida) e com um idade compatível com o Tiber. Mas certeza, certeza, não há e continua a ser, talvez, o mergulho mais enigmático que se pode fazer a partir de Leixões. No fundo encontramos uma amontoado de peças de navio e da sua carga, já fundidos numa amálgama, originada pelo passar do

tempo, pela acção da água salgada e pela invasão de organismos marinhos.

Repousa, em área aberta, a cerca de 33 metros e, num simples mergulho, é possível identificar canhões, bombardas (raras até no museu da Marinha), peças do poleame do navio, peças de



lastro, bolas de canhão e bombardas, chapas de revestimento e reforço do casco, a âncora (tipo almirantado), e recipientes para transporte de víveres. É uma imensa amálgama de peças, algumas identificáveis e outras completamente desconhecidas, que nos delicia em cada mergulho que lá fazemos. Por muito que se mergulhe no Navio do Norte, em cada mergulho descobre-se e identifica-se sempre alguma coisa nova, algo que não tinha ainda sido visto ou descrito. Um dos mergulhadores que conheço que mais entusiasmo transmite sobre este naufrágio é o meu amigo Delfim Trancoso. Ouvi-lo falar sobre este naufrágio e perceber a emoção com que o faz é sempre uma boa e enriquecedora experiência.

Tendo em conta tudo o que se expôs até agora, julgava eu que pouco haveria acrescentar ao conhecimento que se possui sobre o Navio do Norte, supostamente o Tiber, mas estava enganado. E, num simples mergulho, protagonizei, inesperadamente, uma inesperada e rara descoberta neste naufrágio.

No sábado de 18 de Julho deste ano, pela manhã, a nossa opção de mergulho, dadas as boas condições de mar, recaiu sobre o Navio do Norte. É sempre um mergulho excitante, pois exige boas condições de mar para se percorrer a distância que o separa do Porto de Leixões e isso nem sempre acontece. Boas



notícias, portanto, neste sábado fresco e solarengo. O grupo era inteiramente da família Submania e o barco o IF, barco de apoio às aulas e mergulhos da escola. A viagem foi descontraída, como o é sempre entre o nosso grupo e, à medida que nos aproximávamos do nosso objectivo, fomos preparando o

equipamento, fechando os fatos secos ou semi-secos, abrindo garrafas e carregando-as às costas, testando reguladores e lanternas e calçando barbatanas, luvas e capuzes.

Calhou-me como companheiro de mergulho o Luís Osório, um mergulhador já com experiência, extraordinariamente bem disposto, e com quem faço parilha frequentemente nos últimos tempos. Os mergulhadores foram entrando na água em grupos de dois e, quando chegou a nossa vez, rolamos de costas sobre os flutuadores do IF, entrando de cabeça na água fresca. Aproximamo-nos da boia e iniciamos os 33 metros de descida ao lado do cabo da amarra, preso no ferro no fundo. Sendo dos últimos a entrar na água, recebemos a incumbência de soltar o ferro no final do mergulho. Fomos compensando a pressão da água nos ouvidos e descendo sempre sem nos determos até atingirmos suavemente o fundo. A visibilidade foi uma agradável surpresa, rondava os 8 a 10 m, o que é raro neste naufrágio e mesmo em outros locais de mergulho com saída em

Leixões. Era possível ver uma grande extensão do naufrágio numa vista só e fomos navegando à vista das peças que restam após mais de 170 anos de degradação pela água salgada, correntes e organismos marinhos. O ferro/âncora estava dissimulado nos destroços, convenientemente unhado. Fomos planando por sobre os canhões, as bombardas e as suas munições, os recipientes cilíndricos de víveres, as peças do poleame, ferros retorcidos e peças desconhecidas. O meu companheiro, o Luís Osório, é fácil de identificar debaixo de água, pois tem barbatanas amarelas e nelas tem gravadas as suas iniciais. Mas com esta visibilidade não corríamos o risco de nos perdermos. Fomos fazendo um mergulho agradável e muito tranquilo. A visibilidade permitia ver, até, uma larga extensão de areia em volta do naufrágio. É uma situação relativamente rara e, muitas vezes, o nosso campo de visão debaixo de água não ultrapassa os 2 metros e às vezes é até inferior.

Ao largo do amontoado de destroços, a cerca de 15 metros, vi uma sombra na areia, algo que sobressaía cerca de meio metro acima do fundo, numa posição ligeiramente inclinada. Parecia-me uma peça de ferro informe e liguei-lhe pouca importância, pensando tratar-se de algum fragmento indecifrável do navio. Mas, o facto de ter olhado nessa direcção, fez-me descobrir, pousada sobre a areia, uma patarroxa. As patarroxas são peixes cartilágíneos, aparentados com os



tubarões que não se vêm facilmente neste naufrágio. Sinalizei, com o foco da minha lanterna a descoberta ao Osório e fui avançando, dada a boa visibilidade, pela areia fora, afastando-me do naufrágio, e aproximando-me

da patarroxa. O Osório, como mandam as regras, seguiu-me. Eu não levava câmara fotográfica e restava-me apenas a observação próxima da patarroxa e o seu registo na minha memória. Estas observações são troféus que guardamos interiormente e que alimentam conversas entre mergulhadores e nos estimulam a imaginação durante muito tempo. O peixe tinha pouco mais de meio metro e olhava-me, tranquilo, com os seus olhos grandes, e o seu dorso amarelo e pintalgado. Não se moveu. Quando já me ia afastar e voltar ao naufrágio, olhei

de novo o “ferro” cravado na areia, que primeiro me cativou a atenção. E o que vi, deixou-me estarrecido e confundido. Não era um ferro informe. Olhando de perto, divisei claramente o perfil da coronha de uma arma, uma carabina ou um fuzil. O coração começou a bater-me com força, o que não é das melhores coisas que pode acontecer a um mergulhador – a nossa defesa principal deve ser sempre a calma e tranquilidade, mesmo em situações difíceis. Debaixo de água o pânico e os sobressaltos matam. Mas o achado parecia-me demasiado importante para eu manter a calma. Toquei-lhe e agarrei-a com a mão e senti-a presa ao fundo, enterrada na areia, pelo menos numa extensão igual à que se encontrava acima da areia. Mas era possível movê-la com algum esforço. E, devagarinho, fui rodando a peça sobre si mesma para a soltar da areia. Quando o consegui, admirei-me com o seu peso que me fez precipitar-me em direção ao fundo. Deitado na areia, antes de reagir ao peso, insuflando o colete, olhei-a. Pareceu-me extremamente bela, coberta de conchas, areia e organismos incrustados. A forma era inquestionável. Era uma arma. Conseguia ver-lhe até a guarda redonda do gatilho.

Pareceu-me um tesouro. Esta arma tinha possivelmente estado nas mãos de um dos tripulantes do navio e foi abandonada nas pressas e urgência do naufrágio. Talvez tivesse disparado, tirado vidas e salvado outras. Aquela arma, mais de 170 anos



depois, ainda podia contar uma história. Tinha de a levar comigo para que, nas mãos certas, essa história pudesse ser desvendada. Pensei em agarrá-la e iniciar de imediato a minha subida. Mesmo sendo uma peça pesada, as bolsas de ar insufláveis do meu colete ajudavam-me, seguramente, a levá-la comigo para a superfície. Consultei o meu manómetro e tinha ainda 120 bar de pressão, o que, numa garrafa de 15 litros, é uma quantidade confortável de ar. Então, ao invés de terminar o mergulho, pois tinha o meu Osório junto a mim e ainda com vontade, certamente, de continuar o mergulho, gizei um outro plano. Agarrei a arma debaixo de mim, paralelamente ao meu corpo e insuflei algum ar no colete

para poder navegar acima do fundo. Batendo as barbatanas, fui navegando em direcção ao cabo da amarra. A intenção era amarrar o artefato ao cabo da amarra e poder acabar o mergulho tranquilamente. No final do mergulho, ao içar o cabo da amarra, recuperaríamos o artefacto. O Osório seguiu-me tentando perceber o que levava eu comigo, pois penso que não tinha percebido completamente de que se tratava o meu achado. Pelo caminho cruzei-me com um casal de mergulhadores, marido e mulher, a Elsa e o Pedro, que ficaram a olhar-nos boquiabertos. Mas não me detive, pois a peça era pesada e eu ia com espírito de missão.

Chegado ao ferro, atei, não sem dificuldade, a coronha da arma ao cabo. O Osório ajudou-me no processo de fechar uma volta fiel em volta da coronha, puxando o cabo que aconcheguei à arma num nó apertado. Sentindo-a bem presa, fiz sinal ao Osório para continuarmos o mergulho. Pareceu-me estranho largar a peça que ainda há pouco tempo tinha descoberto, mas havia que aproveitar o mergulho. Demos ainda duas voltas mais sobre os destroços, detendo-nos perante alguns animais marinhos, congros, fanecas, navalheiras e polvos. Atingidos os 50 bar da reserva nos nossos tanques de ar comprimido, soltamos o ferro do fundo, fechamo-lo e subimos pelo cabo agora solto na extremidade inferior mas amarrado à uma bóia na superfície. Fizemos uma paragem descompressiva de 2 minutos aos 16 metros, seguindo as indicações do meu computador de mergulho e a habitual e recomendável paragem de segurança de 3 minutos, aos 5 metros. Durante esta paragem, pensava no artefato encontrado e no impacto que a descoberta ia ter nos meus companheiros. Foi a paragem de segurança mais longa de todos os mergulhos que fiz, mau grado em todas elas cumprimos os mesmos 3 minutos de paragem. Atingida a superfície, insuflei ar no meu colete e sinalizei para o barco que tudo estava bem. E, não contive a solene informação que prestei ao Luís Mota:

- Luís, cuidado a içar o ferro que deixei lá em baixo uma carabina amarrada ao cabo!

Vi o natural cepticismo entre os meus companheiros, mas à medida que me fui livrando do lastro e do colete, falava sem parar, e fui contagiando todos com a minha emoção. O Victor Marafona ao içar o ferro sentiu-lhe o peso extra e tranquila e seguramente foi puxando o cabo até a carabina aflorar à superfície. Foi um espanto geral. O Luís Mota disse mesmo:

- E olha que é mesmo uma carabina!

Tiramos fotografias à peça e a mim com ela empunhada, cruzada sobre o peito. Decidimos logo ali que a história desta arma deveria ser investigada por quem sabe e, por isso, seria entregue ao Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS), criado pela Direcção-Geral do Património Cultural. Uma primeira observação efectuada pelos arqueólogos indica ser uma espingarda portuguesa ou inglesa, com idade entre 1830 e 1840, o que é compatível com a data de afundamento do Tiber. Se for inglesa, a identificação até agora adiantada para o navio naufragado receberá mais uma certeza. Se for portuguesa, ficamos com um problema de identificação entre mãos. De qualquer forma, só a limpeza cuidadosa da peça, que compreende um longo período de dessalinização e tratamentos vários, poderá esclarecer a sua origem e a razão para estar no lugar onde a encontrei mais de 170 anos depois de ter sido perdida. Esperemos pelos resultados da análise arqueológica.

Acho que todo o mergulhador sonha, nos seus delírios mais profundos, descobrir um tesouro. Mas esse tesouro não precisa de ter um valor monetário importante. Basta que seja um pedaço de história à espera de ser contada. Desta vez, coube-me a mim esta descoberta inusitada e surpreendente. Acredito, porém, que, no Navio do Norte, muito mais há ainda por descobrir.

